



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – CIS 454

BRUNA APARECIDA CÂNDIDO  
ORIENTADORA: DANIELA ALVES DE ALVES

**VALORIZAÇÃO E DESVALORIZAÇÃO: ESTUDO SOBRE O TRABALHO DE  
DIARISTAS DE VIÇOSA.**

**Viçosa – MG**

**2019**

**BRUNA APARECIDA CÂNDIDO**

**VALORIZAÇÃO E DESVALORIZAÇÃO: ESTUDO SOBRE O TRABALHO  
DE DIARISTAS DE VIÇOSA.**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Daniela Alves de Alves

**Viçosa – MG**

**2019**

**BRUNA APARECIDA CÂNDIDO**

**VALORIZAÇÃO E DESVALORIZAÇÃO: ESTUDO SOBRE O TRABALHO  
DE DIARISTAS DE VIÇOSA.**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Viçosa, 13 de dezembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Daniela Alves de Alves  
(Orientadora)

---

Prof.: Rayza Sarmento de Sousa

---

Prof.: Tábata Berg

## **AGRADECIMENTO**

Gostaria de agradecer a todo o corpo docente do Departamento de Ciências Sociais, durante os anos de graduação tive a oportunidade de fazer trabalhos com diversos professores e através de todo aprendizado que entrego o trabalho de conclusão de curso.

Para a o tema do trabalho quero agradecer as mulheres da minha vida que tanto me inspiraram e continuam a inspiram. Minha mãe, tias e avós, todas com trajetórias no trabalho doméstico. Ser a primeira a não iniciar no trabalho doméstico na família me abriu a possibilidade de estudar, que com esse trabalho tenho o objetivo pessoal de retribuir um pouco a todas as mulheres que permanecem na profissão e ser grata pela oportunidade de fazer o ensino superior em uma universidade pública.

Agradeço a Daniela Alves, minha orientadora, que foi a primeira professora da graduação e sempre esteve aberta às minhas indagações de vida pessoal, fortalecendo o meu crescimento, principalmente com essa pesquisa.

Durante esse período foi essencial ter pessoas que acreditaram em mim e no meu tema, agradeço imensamente a todas as entrevistadas por compartilharem suas histórias, todas mulheres com grandes histórias de vida e fizeram dessa pesquisa possível

Obrigada aos amigos pelo apoio durante os estudos e mediação para contato com as entrevistadas, e um agradecimento especial a Túlio Henrique por toda sua contribuição de discussões sobre o tema e revisão no texto.

Agradeço as professoras Rayza Sarmiento e Tábatá Berg por aceitarem o convite para a banca e compartilharem de seus conhecimentos.

*A maneira em que mulheres e homens são situados de forma diferenciada dentro da vida privada e do mundo público é, como indicarei, uma questão complexa, mas, subjacente a uma realidade complicada, há a crença de que as naturezas das mulheres são tais que elas são devidamente submetidas aos homens e seu lugar é na esfera doméstica e privada.*

*Carole Pateman*

## RESUMO

O trabalho doméstico é uma atividade socialmente marginalizada e realizado majoritariamente por mulheres, em sua maioria por negras e de baixa renda, sendo um serviço de menor prestígio e de baixa remuneração. Apesar das recentes conquistas de equidade profissional com a PEC nº 72 do ano de 2013 e regularização da contratação em 2015, especialmente as mulheres trabalhadoras domésticas, ainda enfrentam dificuldades de reconhecimento das suas funções e permanecem socialmente e financeiramente desvalorizadas. A desvalorização estende-se às diaristas, que realizam funções semelhantes, mas gozam de poucos ou quase nenhum direito. Um dos desafios atuais da profissão é compreender aspectos cotidianos que produzem e reproduzem as desigualdades, de forma a enfrentá-los e tentar ressignificá-los, seja através da imposição de regras e melhores condições para realização do trabalho, e ou pela valorização pessoal pela estética, estudos e relações familiares. Nesse sentido, o presente estudo buscou investigar a dimensão do valor social do trabalho e as perspectivas de relações de reconhecimento social, escolhendo-se as diaristas, com vista a investigar os impactos do foi conquistado pelas trabalhadoras domésticas após a PEC 72, e pensando a continuidade do processo para estas trabalhadoras, especialmente do sexo feminino, que atuam de modo informal na cidade de Viçosa-MG. Para tal, foram realizadas entrevistas com sete (7) diaristas no período de Agosto a Setembro de 2019. O trabalho conclui que no cotidiano o trabalho doméstico informal persiste no jogo de escolha entre seguridade dos direitos por motivos de autonomia da utilização do tempo, retorno a curto prazo de maior rendimento e relações de afetividade que compreende para estas trabalhadoras o sentimento de valorização.

Palavras-chave: Trabalho doméstico, diarista, valorização social, gênero.

## **ABSTRACT**

Housework is a socially marginalized activity that is predominantly performed by women, particularly black with low-income, that turn it into a less prestigious and low-paid service. Despite recent achievements in professional equity of PEC No. 72 of 2013 and regularization of hiring in 2015, especially domestic women workers still face difficulties in recognizing their duties and remain socially and financially undervalued. Devaluation extends to day laborers, who perform similar functions but enjoy few or almost no rights. One of the current challenges of these professions is to understand everyday aspects that produce and reproduce inequalities in order to confront and try to re-signify them, either through the imposition of rules and better work conditions, or through personal appreciation for aesthetics, studies and family relationships. In this sense, the present study aims to investigate the dimension of the social value of work and the perspectives of relationships of social recognition, choosing the day laborers in order to investigate the impacts of the domestic workers after PEC 72, taking into account the continuity of the process for these workers, especially women, who work informally in the city of Viçosa-MG. Therefore, interviews were conducted with seven (7) day laborers from August to September 2019. The work concludes that in everyday life, informal housework persists in the decision between security of rights for time use autonomy reasons, return in the short term of higher income and affective relationships that includes for these women workers the feeling of appreciation.

**Keywords:** Housework, day laborer, social valorization, gender.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Entrevistadas por Grupo de Análise e Informações de Perfil .....	23
<b>Quadro 2:</b> Entrevistadas por Grupo de Análise e Informações da Cidade de Origem.....	24



## **LISTA DE SIGLAS**

<b>DIEESE</b>	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
<b>INSS</b>	Instituto Nacional do Seguro Social
<b>IPEA</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
<b>SOF</b>	SempreViva Organização Feminista
<b>UFV</b>	Universidade Federal de Viçosa

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. ESTUDOS SOBRE TRABALHO, GÊNERO E O TRABALHO DOMÉSTICO</b>	<b>13</b>
2.1. A divisão sexual do trabalho.....	13
2.2. Trabalho doméstico e trabalho doméstico informal.....	17
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>20</b>
3.1. Trajetórias das entrevistadas .....	21
3.2. Análise dos perfis das entrevistadas .....	22
<b>4. O TRABALHO DOMÉSTICO EM VIÇOSA</b>	<b>24</b>
4.1. Formalidade e informalidade do trabalho doméstico.....	24
4.2. Desvalorizações e valorizações.....	27
4.3. Redes de afetividade e sociabilidade .....	31
<b>5. CONCLUSÕES E APONTAMENTOS</b>	<b>35</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>41</b>
Anexo 1 – Roteiro de entrevista.....	41

## 1. INTRODUÇÃO

A luta pela valorização do trabalho doméstico no Brasil é longa. Em 2013, o Brasil era considerado o país com maior número de trabalhadoras domésticos do mundo, fato este que impulsionou a criação de medidas de proteção desses trabalhadores neste mesmo ano. O fomento para aprovação da lei foi o relacionamento dos sindicatos das trabalhadoras domésticas com os grupos do movimento feminista e do movimento negro, que a partir de uma luta conjunta, conseguiu que a proposta de emenda constitucional de 2010 fosse votada e aprovada em 2013 a PEC nº 72, que equiparava o trabalho doméstico a outras profissões urbanas e rurais. E sendo em 2015, aprovada a Lei Complementar nº 150/2015 que regulariza a profissão.

As lutas sindicais envolvendo a aprovação da lei das domésticas percorreram aproximadamente 43 anos, porém, o marco regulatório não abrangeu as trabalhadoras diaristas. A regulação para trabalhadoras domésticas, abarcava apenas profissionais que realizam atividades trabalhistas por mais de três dias semanais no mesmo local. E as diaristas, cujo o próprio nome indica, que são profissionais que exercem suas atividades em apenas um dia, podendo ser agendado frequentemente ou esporadicamente, e com funções parecidas, não foram incluídas no texto regulatório. Mas, há a hipótese de que a atividade cresceu como efeito da lei<sup>1</sup>.

Mesmo após a regulamentação da profissão, assim como as atividades domésticas, as atividades profissionais relacionadas ao âmbito doméstico permaneceram marcadas pelas condições de gênero. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, em 2013, apesar do aumento da taxa de mulheres em outras atividades econômicas, as mulheres ainda ocupavam principalmente empregos domésticos, representando 92% do total de trabalhadores (OIT, 2013), enquanto que a taxa de homens na profissão teve pouca variação.

Em uma breve leitura dos dados e seguindo a autora Gardey (2003), destaca-se que as mulheres sempre ocuparam funções relacionada com atividades da casa. Historicamente, ficou

<sup>1</sup> A título de investigação, cabe destacar a hipótese que um dos efeitos da aprovação da lei foi a migração de trabalhadoras doméstica para a função de diarista. Apesar da hipótese guardar fundamentação lógica, há uma dificuldade de comprovação numérica por conta da falta de registro precisos do quantitativo de trabalhadoras domésticas ativas antes da lei; e sendo ainda menor os registros do número de profissionais que realizavam trabalhos como diaristas no período para realização de comparações e teste da hipótese. A discussão centra-se em brechas da lei, sendo que a redução da carga horária de trabalho pode transformar uma atividade de doméstica em diarista e, automaticamente, isentar os empregadores das obrigações empregatícias legais. Além do período da Lei que regula a contratação em 2015 que coincide com o aumento do desemprego no Brasil.

a cargo das mulheres as atividades ligadas ao cuidado com o lar, criação dos filhos e atividades familiares que de forma geral estavam ligadas a esfera privada, e não gozavam de valor social, e eram postuladas como uma obrigação ligada ao sexo feminino.

Ainda, desde a inserção da mulher no mundo do trabalho, dentro das lógicas capitalistas, as funções delas sempre tiveram relação direta com a funções do cuidado. Essas atividades, apesar de essenciais a vida humana, possuem menor valoração social e são em geral atividades rejeitadas por homens, diminuídas por uma lógica machista, e que quase sempre são mal remuneradas por seus contratantes (GARDEY, 2003).

Contudo, quando este mesmo trabalho é realizado nas casas de outrem, o trabalho doméstico ganha algum valor simbólico e se torna remunerado. E as devidas funções, realizado na casa de outrem, feito possivelmente em substituição do trabalho de outra mulher, que possivelmente adentrou no mercado de trabalho, mesmo ganhando algum valor social, ainda sim é muito desvalorizada.

Para Perrot:

a valorização abusiva mas significativa do trabalho produtivo no século XIX elegeu como “trabalhadoras” apenas assalariadas e relegou à sombra a empregada doméstica, as comerciantes e as camponesas, e mais ainda as donas de casa; a sociedade industrial não poderia se desenvolver sem tais mulheres, que constituem a maioria e são maiores de idade. (PERROT Apud GARDEY, 2003, p.38)

A mulher que deixa o lar é vista como uma profissional digna de reconhecimento, mas não há o devido valor às empregadas domésticas e nem o reconhecimento da dependência com as funções destas para a manutenção do lar. Na tradição dos estudos do trabalho doméstico e do cuidado, segundo Faria & Moreno (2010), é utilizado o termo *care* pelo seu significado amplo e definido como “universo de tarefas cotidianas realizadas tanto dentro de casa quanto fora do âmbito doméstico, envolvendo a relação de cuidados com as crianças e a família” (p.11).

O termo *care* é utilizado para abranger todas as formas de trabalho de cuidado<sup>2</sup>, por exemplo serviços domésticos e de enfermagem, ganhando forças nos estudos recentes sobre esses serviços dentro da sociologia do trabalho e da sociologia econômica (Hirata, 2010, p. 44). O debate do cuidado no Brasil ganhou forças com a atuação da “Sempreviva Organização Feminista” (SOF). O debate abrange diversas questões do estado do cuidado e sua evolução no espaço e tempo, e a relação que cria-se entre o trabalho de cuidado e o trabalho doméstico.

<sup>2</sup> Para o restante do trabalho é utilizado a tradução do termo *care* para cuidado.

Abrindo o leque para questões de externalização ou profissionalização do trabalho doméstico e de cuidados. Dessa forma, tocando no ponto da remuneração e formação nas relações do cuidado, aparecem questões sobre as políticas públicas e demais temas que mesclam outros como a migração associada ao trabalho de cuidados e de saúde das profissionais (HIRATA, 2010).

Dessa forma, pensando os limites e possibilidades relacionadas às atividades das mulheres no trabalho doméstico, o presente trabalho busca explorar as diferentes assimetrias como gênero, raça, família, formalidade e informalidade e valorização da profissão. De tal modo, mesmo considerando que estas são profissionais socialmente muito desvalorizadas, tem-se como intuito principal compreender como as diaristas vivenciam as desigualdades sociais e como conquistam reconhecimento social no exercício profissional em um cenário de transformações ocorridas na participação das mulheres no mercado de trabalho.

Para compreender os limites de uma categoria de trabalhadoras que têm baixa visibilidade em relação aos direitos, desigualdade salarial, ausência de reconhecimento e assimetrias entre as mulheres, considerou-se como fundamental o estudo das trabalhadoras domésticas que atuam de modo informal, sem registro. Dessa forma, este trabalho propõe *investigar a dimensão do valor social do trabalho e as perspectivas de relações de reconhecimento social das diaristas.*

O trabalho está organizado em quatro capítulos: I) Estudos sobre trabalho, gênero e o trabalho doméstico; II) Procedimento metodológicos, abarcando a metodologia utilizada e o perfil das entrevistadas; III) O trabalho doméstico em Viçosa; IV) Conclusões e apontamentos da pesquisa.

## **2. ESTUDOS SOBRE TRABALHO, GÊNERO E O TRABALHO DOMÉSTICO**

### **2. 1. A divisão sexual do trabalho**

O tema da divisão sexual do trabalho remonta a divisão de classe da teoria marxista. Para Marx (2012), o trabalho “é um processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (p. 211). Portanto constitui uma categoria ontológica da vida social que distingue os seres humanos, sendo, também construtora de uma identidade coletiva e formadora de classe.

Ao tratar do tema, Marx afirma que a divisão social do trabalho contempla um conjunto de valores-de-uso e mercadoria que variam ao longo da história e pela hierarquização da divisão social da qual é a formadora de classe (2012, p. 64). Sendo a subjugação de uma classe pela outra, base do conflito de classes, e força motriz da sociedade capitalista.

Na história anterior a indústria, as mulheres sempre estiveram ativamente em setores do trabalho, como a tecelagem, comércio, produção de produtos na economia feudal. No início da industrialização, como trabalho torna-se mercadoria na geração da mais valia para o capitalista, o trabalho de mulheres e crianças foi mantido devido ao custo mais baixo para a produção. Saffioti (2013) analisa as diferentes etapas do desenvolvimento capitalista e subtipos, desenvolvido e subdesenvolvido, para analisar o lugar da mulher na sociedade de classe. Sendo assim, enquanto a família permaneceu como o setor de produção, mulheres e crianças pertenciam a uma parte importante do processo (SAFFIOTI, 2013, p. 61).

Contudo, segundo a autora, ao contrário do que acreditava-se, a inserção das mulheres no mercado de trabalho não pode ser entendida apenas da lógica da submissão pois não há dados suficientes para a sua compreensão. Para ela, a inserção foi adiada pela lógica de classes da economia capitalista; utilizado do sexo como fator da exclusão no sistema de produção e fazendo com que as mulheres fossem postas em situação de marginalização na esfera reprodutiva com atividades específicas, principalmente ligadas ao cuidado da família, dos filhos e da casa, e dessa forma retardando a realização plena de inserção da mulher no mercado de trabalho.

Ao longo do texto “A Classe Operária Tem Dois Sexos”, Hirata & Kergoat (1992) demonstram que na tradição da classe social no marxismo a assimetria das relações entre os sexos é desconsiderada. A partir da abordagem materialista nos anos 70 percebeu-se que a teorização das lutas de classe não contemplava o lugar que as mulheres ocupavam pois era

desconsiderado a heterogeneidade que existe dentro da classe de mulheres e homens. Dessa forma pode se ver que “não é só em casa que se é oprimida nem só na fábrica que se é explorado” (1992, p. 96).

A articulação das categorias classe e sexo pelas autoras foi fundamental devido ambas considerarem que os sujeitos são produtos e produtores das relações sociais. De tal modo, é necessário a integração das duas categorias, pois estas são indissociáveis ao sujeito (HIRATA & KERGOAT, 1992, p.96).

A divisão sexual do trabalho é fundamentada na dicotomia produtivo e reprodutivo, público e privado, sendo a existência do produtivo e público possíveis somente pela existência do reprodutivo e do privado. Esse debate é colocado por Carole Pateman (2014) em sua obra “Críticas feministas à dicotomia público e privado. A autora elabora as críticas realizadas ao longo do tempo por feministas e liberais na construção da dicotomia. Pela tradição liberal as mulheres foram excluídas ou subordinadas ao poder patriarcal, e este vinculado ao espaço privado. A luta pelos direitos de voto das mulheres abriu oportunidade de estas serem reconhecidas dentro do espaço da sociedade civil.

Contudo, o argumento utilizado pelas sufragistas também não desvinculou da dicotomia da natureza e cultura. O questionamento sobre as origens da diferenciação foi colocado por feministas ao longo do tempo, porém que ainda precisa de uma resposta que faça uma crítica total do liberalismo. Mas que é possível já identificar nos questionamentos destas teorias posições práticas da vida cotidiana. Às mulheres são negados direitos e reconhecimentos pela naturalização de sua posição social dentro da vida privada, ou melhor, no âmbito doméstico. Ficando a elas a responsabilização da instituição da família, da criação dos filhos, da manutenção do casamento e da casa, para além do trabalho remunerado. Que este, normalmente está associado a categoria menos remuneradas e com menor valorização social. Pateman (2014) elabora a reflexão sobre o slogan “O pessoal é político”, pois

Essas críticas feministas à dicotomia entre privado e público enfatizam que as categorias se referem a duas dimensões inter-relacionadas da estrutura do patriarcalismo liberal; elas não sugerem necessariamente que “não se possa ou não se deva fazer qualquer distinção entre os aspectos pessoais e políticos da vida social. O lema “o pessoal é o político” pode, no entanto, ser tomado literalmente. (2014, p.73)

Ao olhar para o papel atribuído socialmente às mulheres percebe-se outro distanciamento da justiça, ao passo que mulheres mais escolarizadas entram no mercado de trabalho e as condições são diferentes de possibilidades entre as mulheres negras e as mulheres brancas. Sendo o indivíduo perpassado por outras vias das relações sociais.

Influenciado pelo pensamento do movimento do Black Feminism a partir dos anos 70 até 90, desenvolveu-se a problemática da interseccionalidade de gênero e raça nos países anglo-saxônicos. Criando o pensamento de intersecção como uma proposta de contribuir com as experiências no sentido da identidade (HIRATA, 2014).

Ao mesmo tempo, Danièle Kergoat (In. Hirata, 2014), influenciada pelo pensamento francês nos anos 70, desenvolveu o termo de consubstancialidade, analisando as categorias raça, gênero e classe, e realizando a crítica da interseccionalidade. A crítica da autora surgiu pela primeira vez em 2006 no congresso de Associação Francesa de Sociologia. A interseccionalidade e consubstancialidade compartilham da não hierarquização das formas de opressões, porém são utilizadas com diferentes formas.

Para Kergoat (2010) a interseccionalidade não é suficiente para compreender as dinâmicas sociais. Para a autora, com as categorias gênero, raça e classe há multiplicidades de pontos de entrada e ao privilegiar uma ou outra intersecção corre-se o risco de fragmentação. Outro ponto da crítica a destacar da autora é que teóricos da interseccionalidade costumam analisar mais o par gênero e raça, deixando a classe em outro plano. E para Kergoat, as três categorias são fundamentais para compreender as relações sociais (HIRATA, 2014, p. 66).

A intersecção de classe e gênero ao tratar do trabalho doméstico, traz consigo a categoria de relação social do cuidado. Analisado comparativamente entre 2010 e 2011 no Brasil, Japão e França por Hirata (2014) mostra o perfil de quem trabalha no cuidado, sendo quase 90% de mulheres na França, mais de 95% no Brasil e 65% no Japão.

Uma hipótese das estudiosas sobre o Cuidado é que a desvalorização está vinculada a desvalorização de quem cuida (Hirata, 2014). A autora Biroli (2018) questiona a ideia que fazem das relações cotidianas. Na “ética do cuidado” a autora aloca o conceito para dentro da teoria democrática, pois dessa forma converge para uma valorização social. O cuidado não pode ser negado, e muito menos as relações cotidianas, pois tende-se a aprofundar a desigualdade social. Biroli (2018) ressaltou 3 pontos do cuidado como trabalho, são eles:



1) cuidar exige tempo e energia, retirados do exercício de outros tipos de trabalho, assim como descanso e lazer; 2) a grade de valorização (simbólica e material) das ocupações é determinante na precarização do trabalho de quem cuida e na vulnerabilidade de quem precisa de cuidado; 3) os padrões de organização e (des)regulação das relações de trabalho incidem diretamente sobre as relações de cuidado, podendo favorecer ou dificultar a tarefa de cuidarmos uns/umas dos/as outros/as (BIROLI, 2018, p. 57).

Pensar o cuidado é pensar nas estruturas sociais de classe, de gênero e de raça. Pois é reservado essa atribuição às mulheres já que cuidado ficou permanente na esfera da reprodução da vida social. Pensar as relações de quem cuida é também pensar na dinamicidade das relações que são marginalizadas no cotidiano. O cuidado ficou durante muito tempo não sendo reconhecido como igual a outras profissões.

Para Luna são

esses *habitus* tão profundamente incorporados, e a estrutura de classes a que se referem, que se colocam na base da informalidade e da invisibilidade do emprego doméstico no Brasil. São eles que representam um dos maiores obstáculos no reconhecimento dos direitos das empregadas domésticas, evidentes nas contradições entre o que é dito e praticado efetivamente depois da Lei (LUNA, 2018, p.12).

Ou seja, a precariedade e invisibilidade do trabalho doméstico são constantes apesar da introdução de Lei para reparação dos direitos do emprego doméstico e a ausência presente na sociedade do reconhecimento do valor do trabalho doméstico é um obstáculo para as trabalhadoras.

Para resumir os estudos do trabalho doméstico, as autoras Teixeira e Faria (2018), apontam que há três pontos de partida para observar o trabalho doméstico. O primeiro ponto é a responsabilização às mulheres do trabalho doméstico, ponderando que as condições econômicas individuais proporcionam o repasse desse trabalho para outra mulher. O segundo ponto é que antes do trabalho industrial as mulheres estavam presentes com o trabalho em atividades pois era considerado trabalho doméstico a produção de produtos em casa. E o terceiro ponto é a vinculação do trabalho doméstico à herança do trabalho escravo que permanece na estrutura social até hoje e impacta a vida de mulheres através do racismo estrutura (2018, p.5).

## 2.2. Trabalho doméstico e trabalho doméstico informal

Anteriormente à legislação, as atividades do trabalho doméstico pertenciam a economia informal do país. Esta categoria de trabalho informal foi caracterizado pela primeira vez pela OIT em 1968, no programa mundial de Emprego, sendo definido como:

(a) propriedade familiar do empreendimento; (b) origem e aporte próprio dos recursos; (c) pequena escala de produção; (d) facilidade de ingresso; (e) uso intensivo do fator trabalho e de tecnologia adaptada; (f) aquisição das qualificações profissionais à parte do sistema escolar de ensino; e (g) participação em mercados competitivos e não regulamentados pelo Estado (OIT *Apud* Cacciamali, 2000).

A Emenda Constitucional nº 72 alterou a redação do artigo 7º da constituição federal para estabelecer a equidade entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Para fins de classificação, é definido pela Lei complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, como trabalhador doméstico aquele ou aquela que “presta serviços de forma contínua, subordinada, onerosa e pessoal e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas, por mais de 2 (dois) dias por semana.

No Brasil, apesar do forte movimento de empregadas doméstica para pressionar o estado na regularização da profissão<sup>3</sup> apenas em 2013 foi realizado. A equiparação do trabalho doméstico acompanhando a discussão mundial. Como mudanças ocorridas na contratação e regularização do trabalho doméstico, institui-se jornada de trabalho, direito às férias, inclusão na Previdência Social, licença maternidade. As mudanças na legislação brasileira são frutos de outros processos em andamento

Durante a 100ª Conferência Internacional do Trabalho em 2011 em Genebra, foi ratificada a convenção 189 pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), no qual, é intitulado como “O Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos”. A ratificação significa algumas diretrizes de formalização da profissão para os países membros, que podem ser encontradas na recomendação (nº 201)<sup>4</sup> de mesmo título da convenção. Contudo, o Brasil ratificou a convenção apenas em 2018, sete anos depois, tornando-se o 25º país membro da OIT a sancioná-la.

<sup>3</sup> Segundo Bernardino-Costa (2007), a história do movimento das trabalhadoras domésticas está intimamente ligada ao movimento de sindicato e associações, principalmente com lideranças de mulheres negras.

<sup>4</sup> Ver em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/brasil-adere-a-convencao-da-oit-sobre-trabalhadores-domesticos.ghtml>>. Acesso em 04 de nov. de 2019.

Segundo dados do IPEA<sup>5</sup>, em 1995, havia 5,3 milhões de trabalhadoras domésticas no Brasil, sendo 4,7 milhões mulheres, compreendendo 88,7% do total. 2,7 milhões eram negras e pardas ou seja 57,45%. Entre as mulheres brancas a escolaridade média era de 4,2 anos de estudo e entre as mulheres negras a escolaridade média de 3,8 anos de estudo. Em 2015, de acordo com o mesmo instituto, 6,2 milhões de trabalhadores exerciam atividades domésticas, sendo que dentro deste total, 91,9% eram de mulheres, ou seja, 5.7 milhões de mulheres. Dessas 3,7 milhões eram negras e pardas, 64,91%. A média de anos de estudo entre as mulheres brancas era de 6,9 e entre as mulheres negras de 6,6.

Segundo os dados da Dieese sobre as trabalhadoras domésticas nas regiões metropolitanas das cidades de Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo, em 2014, a faixa etária majoritária era de 25 a 39 anos de idade. E comparando com a evolução, percebeu-se o envelhecimento da categoria, sendo que de 2013 a 2016, a média de idade entre as trabalhadoras passou para a faixa de 25 a 59 anos. Em 2016 a faixa etária de 25 a 29 anos correspondia a 60% das mulheres e em 2017, esse número para a mesma faixa etária subiu para 70%. Com os dados da Dieese, identifica-se que o perfil das empregadas domésticas é de envelhecimento dentro da categoria, com a possibilidade de estar ligado a baixa escolaridade uma vez que para as mulheres com menor escolaridade a inserção ao trabalho doméstico é por via do trabalho doméstico.

No estudo de Cacciamali (2000), a informalidade decorre de um processo de transformações no mercado de trabalho, que em diferentes cenários a partir dos anos 80 tem crescido nos países. A autora aponta para dois processos principais, a reformulação das relações de trabalho, que é reorganização das relações de emprego, que modificam a informalidade de maneira consensual sendo comum a extrapolação dos serviços contratados. E o segundo é o auto emprego que é a estratégia para as pessoas com dificuldade de reinserção no mercado de trabalho ou buscar maneiras de sobrevivência., auferindo a geração de renda própria individualmente (p. 165-164).

A informalidade, segundo Lombardi & Araújo (2013), é um conceito polissêmico e em transformação. As autoras revêm o conceito de informalidade pela dinamicidade das relações de trabalho e a importância desse setor por esta ser fonte de renda de uma grande parcela da população, principalmente de baixa renda. Alguns autores como Dedecca e Baltar (2013)

<sup>5</sup> Dados disponíveis em <[http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_trabalho\\_domestico\\_remunerado.html](http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_trabalho_domestico_remunerado.html)>. Online.

consideram a informalidade relacionado com o desenvolvimento capitalista, sendo identificado no Brasil pelo crescente número de trabalhadores autônomos em empresas privadas, pela criação de novos produtos e de novas atividades econômicas (p.459). Já autores como Filgueiras, Druck e Amaral (In. Lombardi & Araújo, 2013) buscam ampliar o conceito para identificar o aumento da precarização do trabalho, para isso abarcam o trabalho ilegal, atividades produtivas e de serviços que não são tipicamente capitalistas.

Segundo as autoras,

a contribuição desses distintos autores é mostrar que o conceito de “nova informalidade” tem o potencial de captar o modo pelo qual a dinâmica da acumulação flexível incorpora e interpreta atividades e relações de trabalho formais e informais e, ao mesmo tempo, de desvendar a amplitude da precarização que caracteriza o novo modelo produtivo da globalização. (ARAÚJO; LOMBARDI. 2013, p. 460)

De tal modo, a riqueza de nova informalidade, para Araújo (In. Lombardi & Araújo, 2013), é permitir identificar desde as transformações nas atividades do setor “informal”, como o trabalho autônomo e emprego doméstico, até as novas formas de contratações, como a uberização. Tais formas que significam relações de emprego sem segurança para o trabalhador e maior exposição aos riscos da profissão.

Para as autoras, a divisão sexual se reproduz nas novas configurações contratuais, havendo um deslocamento das mulheres para atividades informais (p.460). Logo, sendo importante para a compreensão do trabalho informal o estudo da informalidade e permanência nesta pelas trabalhadoras.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho tem como base a metodologia qualitativa, utilizando como instrumento para coletar o modelo de entrevista em profundidade semiestruturada, buscando explorar ao máximo as narrativas das entrevistadas (GASKELL, 2008, p. 75). A seleção das entrevistadas foi realizada através da metodologia snowball (bola de neve), que é uma forma de amostra não probabilística utilizando cadeias de referência (VINUTO, 2014, p. 203). E, a fim de diminuir a homogeneização do grupo selecionado, foi realizado a estratégia de buscar outras fontes de entrada no campo, como a busca de diarista em redes sociais através dos anúncios de serviço e através de indicações de contratantes de serviço de diarista em Viçosa.

Para garantir a qualidade do presente estudo, o roteiro do validado em uma primeira entrevista que serviu de teste e avaliação. Partindo assim para as entrevistas com o roteiro de entrevista em anexo, compreendendo os aspectos de perfil, trajetórias profissionais, percepção de reconhecimento e valorização. O reconhecimento foi o ponto de partida do trabalho, mas percebeu-se que para análise do reconhecimento é necessário mais aprofundamento e tempo no estudo de cada diarista e por isso dispomos da discussão do reconhecimento dentro da valorização.

Para a análise das entrevistas foi utilizado a técnica de análise de conteúdo de Roque Moraes (1999). Para o autor, o procedimento de análise consiste em cinco etapas descritas por ele como: (1) preparação das informações, (2) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, (3) categorização ou classificação das unidades, (4) descrição e (5) interpretação. Segundo o autor, perpassa as cinco etapas permite ao investigador a exploração dos dados para outros níveis do que é manifesto, possibilitando alcançar o nível subjetivo dos dados coletados com as entrevistas (p.4).

Ao todo, foram realizadas 7 entrevistas no período dos meses de Agosto à Setembro de 2019. O contato foi feito através de mensagens de apresentação e ligações para convite de participação da pesquisa e a entrevista foi marcada para o melhor local e horário de acordo com as entrevistadas. 4 foram realizadas nas residências dessas, duas em seus locais de trabalho e 1 na residência da pesquisadora.

Em geral, as entrevistadas são: mulheres entre 36 a 56 anos, variando o nível de escolaridade, sendo que 4 com o ensino fundamental incompleto, 1 com ensino médio completo

e 2 no ensino superior. A renda mensal delas varia entre 1 a 3 salários mínimos. Foram entrevistadas 5 mulheres brancas e 2 mulheres negras<sup>6</sup>.

Vale ressaltar que todas as entrevistas foram consentidas e realizadas em particular, apenas entrevistador e entrevistado. E em caso de interferência a pesquisa foi pausada e retomada após não haver mais interferência. Todas as entrevistas foram gravadas mediante autorização e transcritas com o máximo de fidelidade a fala das entrevistadas. As entrevistas se encontram disponíveis para acesso posterior e mantendo-se o anonimato das entrevistadas.

### **3.1. Trajetórias das entrevistadas**

Entrevistada 1: Nasceu na zona rural de Pirapora - MG, tem 56 anos, casada, com 4 filhos, possui o ensino fundamental incompleto, buscou fazer supletivo aos 20 anos, mas não completou. Começou a trabalhar no campo com os pais e aos 7 anos em uma casa de outra família com serviços domésticos, trabalhou na juventude como arrumadeira na cidade de Belo Horizonte MG. Mudou-se para Viçosa para ficar próxima da Universidade (UFV) para os filhos estudarem. Atualmente trabalha como diarista e passadeira alguns vezes na semana.

Entrevistada 2: Nasceu na zona rural de Cajuri - MG. Os pais trabalhavam no campo, sem ensino fundamental completo. A entrevistada tem 54 anos, solteira, 3 filhos, possui o ensino fundamental incompleto. Começou a trabalhar aos 12 anos com serviço doméstico para outra família. Trabalha como empregada doméstica com registro desde maio de 2019 e dorme na residência que trabalha e divide o tempo com o trabalho de diarista em repúblicas.

Entrevistada 3: Nasceu em Teixeiras - MG, tem 36 anos, solteira, sem filhos, está cursando o ensino superior. Começou a trabalhar aos 20 anos como vendedora em loja. Trabalhou em empresa com carteira registrada. A partir de 2011 trabalho autônoma e há 1 ano e meio trabalha somente como diarista.

Entrevistada 4: Nasceu em Canaã - MG, tem 51 anos, casada, tem 3 filhos, não informou a idade que começou trabalhar, mas foi em Viçosa como empregada doméstica, possui o ensino

<sup>6</sup> Devido a amostragem não intencional da pesquisa não foi possível atingir a representatividade racial para modo de comparação com outras pesquisas. Porém com a amostragem final é interessante para próximas pesquisas mapear onde há maior taxa de mulheres brancas e negras como diarista em ponto de realização do serviço como repúblicas estudantis, casas de famílias e em comércio.

fundamental incompleto. Atualmente trabalha como empregada doméstica com registro, mas divide o tempo com o trabalho de diarista em repúblicas.

Entrevistada 5: Nasceu em Viçosa - MG, tem 56 anos, é casada e tem dois filhos, possui o ensino fundamental incompleto. Começou a trabalhar aos 11 anos com serviço doméstico para outra família. Ao longo do tempo trabalhou com carteira registrada como faxineira em outros locais. Parou de trabalhar para cuidar do filho e voltou a trabalhar como diarista, mantendo o trabalho atual como diarista em república e estabelecimento comercial.

Entrevistada 6: Nasceu em Viçosa- MG, tem 36 anos, solteira, possui 1 filho, tem o ensino médio completo. O pai era pedreiro e a mãe costureira. Começou a trabalhar aos 12 anos como diarista. Atualmente trabalha com carteira registrada como copeira no hospital e intercala os dias com o trabalho de diarista e final de semana como segurança em festas.

Entrevistada 7: Nasceu na zona urbana de Guarulhos - SP, tem 47 anos, solteira, tem 2 filhos, está cursando o ensino superior. Estudou 20 anos e parou a faculdade para ter um filho, e logo começou a trabalhar com. Trabalhou na Universidade e atualmente trabalha somente como diarista.

### **3.2. Análise dos perfis das entrevistadas**

A pesquisa qualitativa pressupõe de algumas características, dentre eles de compreender os aspectos estudado a partir dos significados dos atores. Sendo usado para análise pressupostos indutivos para organização e observação dos aspectos recorrentes. Segundo Merriam,

“[...] a coleta e organização dos dados é feita com o objetivo de construir conceitos, pressuposições ou teorias, ao invés de, dedutivamente, derivar hipóteses a serem testadas. A análise indutiva dos dados leva a identificação de padrões recorrentes, temas comuns e categorias que serão apresentados e discutidos (...) usando-se as referências da literatura especializada a partir das quais o estudo se estruturou”. (MERRIAM, 2002 apud GODOY, 2005 p.82)

Dessa forma, após leitura das entrevistas foi observados três perfis de mulheres diferentes que categorizamos em três grupos, como apresentado no Quadro 1 a seguir:

**Quadro 1:** Entrevistadas por Grupo de Análise e Informações de Perfil

Grupo	Entrevistada	Perfil					
		Idade	Raça / Cor	Estado civil	Filhos	Escolaridade	Profissão
Grupo 1	Entrevistada 1	56	Branca	Casada	4	Supletivo incompleto do ensino fundamental	Diarista e passadeira
Grupo 1	Entrevistada 5	56	Negra	Casada	2	Quinta série	Diarista
Grupo 2	Entrevistada 2	54	Branca	Solteira	3	sétima série	Empregada doméstica e diarista
Grupo 2	Entrevistada 4	51	Branca	Casada	3	Quarta série	Empregada doméstica e diarista
Grupo 2	Entrevistada 6	37	Negra	Solteira	1	Segundo grau completo	Copeira e diarista
Grupo 3	Entrevistada 3	36	Branca	Solteira	0	Cursando ensino superior	Diarista
Grupo 3	Entrevistada 7	47	Branca	Solteira	2	Cursando ensino superior	Diarista

Fonte: Elaboração própria

O primeiro grupo de profissionais tem o perfil de trajetória que se enquadram no perfil das pesquisas sobre o trabalho doméstico. Sendo estas as entrevistadas 1 e 5 que tem acima de 40 anos, com pouca escolaridade e que o trabalho doméstico foi seu primeiro emprego. Elas têm em comum o sonho de prover o estudo aos filhos.

O segundo grupo é de trabalhadoras que além de serem trabalhadoras domésticas formais tem em comum a estratégia de complementar a renda familiar com o trabalho de diarista. Nesse grupo estão as entrevistadas 2, 4 e 6.

O terceiro grupo é de trabalhadoras que tiveram trajetórias profissionais anteriores a serem diaristas, estão cursando o ensino superior e serem diaristas foi uma decisão tomada mediante as “vantagens” que a profissão proporciona a elas. No grupo estão as entrevistadas 3 e 7.

O Quadro 2 apresenta sobre as entrevistadas a origem e a residência atual à pesquisa na cidade de Viçosa.



**Quadro 2:** Entrevistadas por Grupo de Análise e Informações da Cidade de Origem

Grupo	Entrevistada	Origem/ Residência			
		Cidade de origem	Estado	Característica da Região de Origem	Bairro em que reside em Viçosa
Grupo 1	Entrevistada 1	Pirapora	Minas Gerais	Rural	Bom Jesus
Grupo 1	Entrevistada 5	Viçosa	Minas Gerais	Urbano	Vale do Sol
Grupo 2	Entrevistada 2	Cajuri	Minas Gerais	Rural	Bom Jesus/Cajuri
Grupo 2	Entrevistada 4	Canaã	Minas Gerais	Rural	Santo Antônio
Grupo 2	Entrevistada 6	Viçosa	Minas Gerais	Urbano	Bom Jesus
Grupo 3	Entrevistada 3	Teixeira	Minas Gerais	Urbano	Fátima
Grupo 3	Entrevistada 7	Guarulhos	São Paulo	Urbano	Santo Antônio

Fonte: Elaboração própria

## **4. O TRABALHO DOMÉSTICO EM VIÇOSA**

### **4.1. Formalidade e informalidade do trabalho doméstico**

A formalização do trabalho doméstico ocorreu em 2013 (PEC nº 72) com a equiparação dos direitos da trabalhadora doméstica as demais profissionais e foi complementada em 2015 com a Lei de regularização da contratação (Lei complementar nº 150). Entre as conquistas das trabalhadoras domésticas estão o direito de receber o décimo terceiro salário, direito de gozar de férias, poder receber o seguro desemprego e ter a contribuição do INSS pago pelos empregadores, o que garante o acesso a aposentadoria e aos auxílios em caso de doenças ou enfermidades. Sendo que todos esses benefícios significam para as trabalhadoras maior proteção, dignidade e acesso aos direitos como cidadãs.

Já a ausência do registro formal, conforme as entrevistadas, representa para as trabalhadoras a incerteza do salário e por isso a dificuldade de planejamento financeiro e familiar ao longo do mês. Assim estas convivem com as incertezas, caso sejam demitidas ou adoçam, e também com a incerteza da aposentadoria, caso estas não paguem a contribuição por conta própria como autônoma. Ademais, a falta de registro representa também a carência do direito ao descanso remunerado durante 30 dias do ano, que são as férias, e outros direitos e auxílios tais como folgas e a licença maternidade.

Bom, com carteira pelo menos você tem segurança né?! porque se você tiver doente se tem você pode ficar pelo INSS porque diarista você não tem nada (Informação verbal. Trecho retirado da entrevista 6, p. 4)

Ah eu acho que eu nem vejo diferença nenhuma mas não quer dizer na verdade com carteira assinada você tá mais seguro né porque se acontecer alguma coisa e se você tem sua carteira assinada se você cair machucou, você tem seu direito de ficar em casa para poder depois receber você [...] já sem carteira assinada não tem nada disso a não ser que seu patrão seja muito bondoso. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevista 1, p.5)

Contudo, em uma perspectiva alternativa, a informalidade representa uma percepção de ganhos para as diaristas. Este regime, ou a falta do registro formal de contratação permite as trabalhadoras uma maior independência em relação às suas atividades e como citado por algumas das entrevistadas, estas podem dispor de mais horários livres para a vida pessoal, organizar-se em um número maior de atividades remuneradas, e até mesmo recusar trabalhos que considerem ruins, seja por falta de educação dos contratantes ou condições dos locais a serem organizados /limpos.

Eu consigo administrar meu horário, tenho disponibilidade. Por exemplo, hoje é quarta-feira e é dia do meu curso né, porque meu curso é só um dia e é presencial então hoje eu não tenho faxina, eu fico por conta do meu estudo, eu fico por conta das minhas coisas. Sexta-feira à tarde eu também não tenho porque eu vou cuidar da minha casa, eu vou fazer as minhas coisinhas. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevista 7, p.4)

Esta flexibilidade apresenta-se como um ganho para as diaristas, mesmo sendo esta uma profissão desvalorizada socialmente. Para algumas das entrevistadas, como é o caso das entrevistadas do terceiro grupo de trabalhadoras supracitado, esta flexibilidade representa a chance de continuar com os estudos, possibilidades de rendimentos e sendo está uma das grandes “vantagens” que a condição de informalidade proporciona.

Também é percebido nas entrevistas que a flexibilização proporciona a oportunidade de maiores rendimentos para as diaristas, conforme ilustrado pelos trechos:

A diferença além do vínculo que você cria com a pessoa porque você está ali todo dia, é o salário. Eu acho que empregada doméstica muito desvalorizada, ganha muito pouco e faz tudo que a gente diarista faz, menos comida e outras coisas e ganha menos. Ganha muito pouco e é todos os dias. Fica sem horários. Se tem que ir no médico tem que ficar marcando semanas antes patrão não gosta. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevista 3, p.7)

[...] eu trabalho até numa loja também aí o homem falou que ia assinar minha carteira, aí eu já não gostei. Porque eu ia perder minha faxina por que eu acho que eu saio ganhando mais. Porque eu acho que eu sendo diarista eu ganho mais que eu trabalhar assim para ganhar um salário por mês. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevista 5, p.4)

De acordo com as entrevistadas, há a possibilidade de se inferir que os rendimentos por faxina, como diaristas, são rendimentos expressivos em relação aos salários fixos pagos na região. O preço dos serviços de faxina está cotado entre o valor de \$50 a \$100, a depender do tamanho do imóvel, das condições do local e localização, sendo realizadas mais de uma faxina nos dias e podendo os ganhos mensais extrapolar o valor fixado para o salário mínimo base e salário comercial.

Ademais, a dinâmica de trabalho em diversas residências em um só dia é facilitada pela organização do mercado de trabalho para as diaristas em Viçosa. Estas profissionais são altamente demandadas pelo público universitário, conforme descrito por todas entrevistadas, sendo que este público mora na região central da cidade e em apartamentos pequenos, que facilitam a agilidade dos serviços.

Devido ao perfil das entrevistadas de realizarem o serviço em repúblicas estudantis tem-se como hipótese a influência nas respostas, uma vez que estudantes são menos rigorosos e possuem mais flexibilidade com a limpeza, assim estas mulheres o cuidado com as casas quase como delas, pois não estão sob a subordinação de uma família com autoridade sobre o trabalho dela, conseqüentemente a autonomia e a satisfação são maiores.

Para Cacciamali (2000), os motivos para a inserção no trabalho informal são: (i) racionamento dos empregos assalariados e ausência de políticas públicas compensatórias; (ii) oportunidade de ganhos superiores àqueles dos empregos assalariados de média e baixa qualificação; (iii) expansão de atividades de serviços; e (iv) estratégia de sobrevivência implementada pelos indivíduos que apresentam dificuldades de reemprego ou de ingresso no mercado de trabalho formal (2000, p. 160).

Ao observar o relato das entrevistas, seguindo a organização por grupos, no grupo 1 a entrada no trabalho doméstico informal como o primeiro emprego, deu-se por ser esta uma oportunidade de fácil acesso a algum rendimento em funções que exigem baixa qualificação e baixo grau de escolaridade. Aproximando-se do quarto motivo listado por Cacciamali (2000), que descreve estratégias de indivíduos que possuem dificuldade de ingresso no mercado de trabalho formal, como as entrevistadas 1 e 5.

No grupo 2, são profissionais que conciliam o trabalho formal e o informal para complementar a renda. E no grupo 3, as trabalhadoras não encaixam em um tipo apenas dos principais motivos elencados por Cacciamali (2000). Percebe-se que para este grupo a

informalidade representa maior rendimento, mas não é o fator determinante para a permanência neste, a forma de gerenciar o tempo e utiliza-lo como um investimento a longo prazo para a realização pessoal é um valor para essas mulheres.

Sendo assim, importante olhar para os cotidianos das trabalhadoras informais para compreender sua complexidade e permanências em meio a expansão do trabalho informal<sup>7</sup>. A informalidade e a formalidade aparecem como elementos fundamentais para entender os diferentes perfis das profissionais que realizam os serviços domésticos.

A dicotomia entre formalidade e informalidade aparece nas entrevistas como aspectos que aparentemente, são mensurados pelas diaristas a todo momento, necessitando de uma análise minuciosa para não incorrerem no equívoco de considerar que a informalidade representa, como regra, apenas um agravante das mazelas para estas profissionais. Porém, a análise se faz necessária para não considerarmos que o aumento dessa informalidade, apenas pela ótica dos rendimentos, representa aspecto positivo para as diaristas. Levando em consideração que os ganhos só são possíveis quando há saúde e vigor físico para exercer as atividades, mas que na ausência da saúde plena estas profissionais podem passar por dificuldades financeiras caso não tenha uma reserva ou apoio familiar para o tratamento e o cuidado.

#### **4.2. Desvalorizações e valorizações**

Dentro dos estudos sobre reconhecimento, Honneth (2003) e Fraser (2006) partilham do ponto de que para haver reconhecimento é necessário fatores que o propiciem o reconhecimento. Honneth (2003) parte de que existem três esferas para gerar o reconhecimento: i). Esfera do amor, ii). Esfera do direito e a iii). Esfera da solidariedade. E enquanto Fraser (2006) pontua que não é possível haver o reconhecimento se não houver a justiça econômica, pois segundo a autora as dimensões que compreender o reconhecimento são a dimensão simbólica e cultural, e a dimensão economia.

<sup>7</sup> O número de trabalhadores informais no Brasil, segundo os dados do IBGE, bateu o recorde de 38,8 milhões de pessoas nessas condições no trimestre encerrado em agosto. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/trabalho-informal-bate-recorde-no-brasil-diz-ibge/>>. Acesso em 23 de nov. de 2019.

Por fim, acerca das relações de reconhecimento e desvalorização, destaca-se que a distância existente entre o reconhecimento e as funções das diaristas é grande pelas injustiças econômicas e sociais e também pelo menosprezo aos trabalhos manuais e principalmente aos trabalhos de limpeza, dado a dimensão simbólica que esta última também carrega. Segundo Fraser (2006), o processo de injustiça para a justiça, ou de desigualdade para igualdade caminha através de duas dimensões, a simbólica ou cultural e a econômica. Sendo somente através da redistribuição econômica e reconhecimento cultural que é possível alcançar o reconhecimento, principalmente para as coletividades ambivalente<sup>8</sup>, pois estas possuem um espectro dentro da estrutura político-econômica e da cultural-valorativa.

Como uma profissão que guarda em seus contornos grande complexidade, o trabalho doméstico apresenta múltiplas facetas que precisam ser consideradas para se pensar a valorização e desvalorização da profissão e portanto seu reconhecimento social. E entre as características, é necessário considerar o tipo de local de trabalho, a relação com os empregadores, os ganhos financeiros, a perspectiva familiar, a autovalorização, o momento na trajetória da vida profissional e pessoal, e o estigma social que recaem sobre as profissionais.

Para explorar estas perspectivas, durante as entrevistadas, o status do reconhecimento pode ser discutido como as diaristas através do questionamento sobre a percepção destas em relação à valorização e ou desvalorizações<sup>9</sup> de suas profissões. E em síntese, como pontos negativos e de desvalorizações da profissão, algumas das entrevistadas citaram a existência de contratantes que recorrem a expedientes como humilhação e outras formas de opressão, sendo que alguns mentem para tirar vantagens e conseguir pagar valores inferiores ao que deveriam ser cobrados pelo serviço e não reconhecem a importância de bons materiais para a realização de um bom trabalho, conforme relato da entrevistada 3, 4, 6 e 7 .

eu olho os produtos de limpeza também, porque às vezes eles não têm e não vão comprar também o que é o uso né?! Aí eu levo o meu produto e cobro em cima do meu produto e do meu trabalho. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 3, p.6)

<sup>8</sup> Coletividade ambivalente é o termo da autora Nancy Fraser (2006) para referir-se às coletividades que se aproximam em sua discussão conceitual de redistribuição e que estão situados tanto no aspecto de injustiça político-econômico como sociocultural, por exemplo o gênero.

<sup>9</sup> Pontua-se a utilização dos termos no plural, de modo que possamos compreender o prisma da profissão dentro da formalidade e informalidade, rendimentos financeiros, valorização social e estigmas.

Outro aspecto negativo e de desvalorização está relacionado à falta de reconhecimento social e familiar e aos estigmas relacionados à como as diaristas deveriam se aparentar, como deveriam se vestir e, ou o que poderiam ou não fazer. Segundo análise das narrativas das entrevistas é possível inferir que não há uma aceitação das atividades das diaristas como uma profissão digna e que merece respeito como qualquer outra. Os três relatos abaixo ilustram expressões de desvalorização à profissão e um certo estigma.

O primeiro trecho é o relato da entrevistada 7 que descreve a não aceitação da profissão pela mãe que considera que a filha se humilha ao fazer serviços domésticos para outros.

minha mãe às vezes quando ela toma uma cervejinha de vez em quando ela chora até porque ela ficava naquela visão assim: "minha filha foi criada para isso e agora tá lavando privada para os outros" aquela coisa assim que faxina é humilhação (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 7, p.8)

O segundo trecho é da 3ª entrevistada que apresenta um relato de uma colega que era professora e após o falecimento do marido optou por ser faxineira, mas já ouviu dos sobrinhos que não deveria exercer a função por ter ensino superior.

Tem uma (amiga) que vai no ônibus comigo toda terça e sexta e a gente conversa. Ela é professora. Ela é professora e ficou viúva e não teve como manter os filhos dela com o salário de professora. Então assim, é ela sofre preconceito da família dela por que os irmãos delas são os professores e todos estão bem e ela é faxineira. Mas assim ela falou comigo: "Meu sobrinho falou comigo. Você estudou para quê? para limpar chão" aí ela falou assim com ele: "Não. não estudei para limpar chão, né!? mas eu estudei para dar uma vida melhor para os minha família, para meus filhos. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 3, p.8)

E o terceiro trecho é também da 3ª entrevistada que descreve os preconceitos que as trabalhadoras enfrentam.

Quando por exemplo, se você observar bem faxineira não anda com a unha feita, ela não anda com a unha toda feitinha, toda de socialzinha. Então as pessoas olham com um olhar diferente. Aí é o seguinte, as vezes as pessoas julgam o livro pela capa. Por exemplo acho que a pessoa que estaria de serviço de faxineira analfabeta. (...) mas elas julgam a gente por aquilo a gente faz elas acham que é uma coisa ruim elas acham que é um serviço degradante entendeu. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 3, p.8)

Conforme apresentado e ilustrado pelos trechos das entrevistas, as formas de desvalorização estão sempre relacionadas à percepção de terceiros, agentes externos às dinâmicas trabalhistas e que reproduzem estereótipos e preconceitos partilhados socialmente.

Por outro lado, as análises acerca das formas de valorização, elencadas nas narrativas das entrevistadas, apontam para reconhecimentos dos esforços individuais e retornos familiares. Primeiramente, há um sentimento de auto realização, aparentemente reforçado pela independência financeira, sendo o emprego como diarista para ganhos que ajudam a dar continuidade ao rompimento às estruturas sociais que postulam a dependência financeira das mulheres aos seus maridos, levando em consideração que a região apresenta oportunidades de restritas de emprego e renda. E para as diaristas solteiras, a valorização pessoal, aparece no investimento do tempo em seus projetos pessoais, seja este de estudo ou na reforma ou conquista da casa.

E em segundo, as análises suscitam que algumas das diaristas entrevistadas o sentimento da valorização acompanha a possibilidade de contribuir com as despesas da casa, havendo o reforço da autoestima com a possibilidade de contribuir com o estudo / sonho de seus filhos e ou com a reforma / construção da casa própria.

Meu sonho? Ah, meu sonho é ver meu filho formado, acabar minhas coisas, acabar de ajeitar as coisas que eu tenho vontade de mexer aqui em casa que eu tenho vontade de fazer, se eu não tivesse ajudando ele meu filho eu já tinha até terminado um bocado de coisa lá em casa, né? Mas você já viu, filho. Esse é meu sonho é esse, mas graças a Deus tá tudo bem. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 6, p.9)

No trecho da entrevistada 4 abaixo, destaca-se que o mundo do trabalho é um lugar social central na realização humana. O sonho da entrevista está senão para ela mesma, por já ter perdido as esperanças, está para os filhos como promessa de investimento no futuro.

Meus sonhos? eu não sonho muito. Mas meus sonhos vou te falar acho que meu sonho é ter uma vida tranquila, com saúde, sabe?! Você não tem que ficar preocupada dívidas, fazendo dívidas. Ter uma vida sossegada, trabalhando, sabendo que você não tá devendo para ficar preocupada. Para mim, assim tá ótimo. Sonhar não tem como sonhar. Sonhar com quê? Não tenho muito sonho mais não. Agora meu sonho é ver meus filhos meus filhos formados. Agora eu tenho que sonhar para eles. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 4, p.13)

Como Brites (2007) observou em seus estudos sobre o trabalho domésticos as desigualdades ainda são reproduzidas no cotidiano nas relações e entre as gerações no trabalho doméstico formal. Mas o ainda não apresentado no cotidiano é o espaço da auto realização encontrado sob a ótica das trabalhadoras na flexibilidade para aceitação ou não da manutenção de relações de não valorização e a negociação dessas relações.

### 4.3. Redes de afetividade e sociabilidade

O trabalho das domésticas e diaristas exigem uma certa relação de confiança dos contratantes com as profissionais. Se por um lado, o espaço de trabalho destas é a dimensão da casa e envolve o trabalho de limpeza e organização, por outro, o espaço a ser limpo e organizado é o local onde se dá a vida íntima e privada dos contratantes, onde ocorrem relações e situações que são exclusiva da vida particular que nem sempre estão abertas ao conhecimento público por seu teor sensível e restrito.

Esta relação de confiança e intimista, como bem descrito pelas entrevistadas, ocorrem com certa facilidade, apesar da relação de trabalho acontecer com a frequência aproximada de uma vez na semana, ou a cada 15 dias, ou uma vez no mês. Esta, com o tempo, transforma-se em laços de afetividade com os contratantes e são esses laços de confiança que garantem a permanência do trabalho e dão o tom da informalidade, amizade, e que são a expressão do cuidado.

Eles me chamam para formatura, para o baile, me chama para o churrasco e é essas coisas ai. É uma amizade sim que eles têm uma grande consideração comigo e eu tenho consideração com eles. Aí eu o chamo para ir lá em casa eles almoçarem comigo. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 5, p.8-9)

Ela tinha um menino, não é que ele era especial, (mas) ele nasceu com problema na visão e eu tinha que tomar conta dele sabe?! durante o dia uma tomava e a noite era eu. Então eu tinha que ficar com ele até ele fazer os deveres porque ele usava uma lupa que vinha até aqui na frente (...) e ele gostava de ver televisão, aí ele só gostava de ver televisão junto comigo, sentado comigo, aí eu tinha que fazer isso, né?! (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 1, p.2)

Tem os menininhos do COLUNI que a gente atende e eu faço junto com essa minha amiga, tipo assim, a gente lava a roupa deles, coisas que não é de faxineira fazer, né?! A gente lava roupa, a gente cozinha feijão, a gente sabe tadinho que eles saíram de casa dos pais cedo né?! Ai se precisar de remédio a gente leva e se precisar de fazer um chá a gente faz. (mas) O trabalho de faxineira é fazer a parte pesada da casa que é os banheiros, levantar tudo, levantar os móveis, limpar dentro do guarda-roupa coisa que faço só quando a pessoa me permite. Porque eu acho que é muito íntimo guarda-roupa para chegar e mexer. Então quando as pessoas falam assim “pode limpar, pode mexer” aí eu pego limpo e organizo, mas assim é isso. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 3, p.4)

Cabe destacar que no trecho apresentado acima da entrevistada 1, o cuidado está na relação de afeto. No relato da entrevista, havia outras trabalhadoras, contudo, a criança apenas queria a companhia dela configurando para ela um senso de obrigação e afeto. Nesse caso apresentado os dois estão presentes.



Na análise das entrevistas nota-se que o aspecto do cuidado por parte das diaristas é reforçado por conta das características do público universitário que são os principais contratantes dos serviços na cidade de Viçosa. O público, em sua maioria adolescentes e jovens que residem longe de suas famílias, criam um vínculo próximo com as diaristas que para além de cuidar da casa, acabam por conversar e aconselhar e repassar ensinamentos de como cuidar dos afazeres domésticos e até mesmo de como cuidar da saúde com indicação de chás e remédios como indicado principalmente pelas entrevistadas 3 e 7.

Brites (2007) ao analisar as relações de afetividade entre as domésticas e diaristas com seus contratantes, a autora aponta traços de ambiguidade nas formas de afetividade. A relação de afeto aproxima as partes, mas, também, gera certa desigualdade e confusão dos vínculos, gerando brechas para que os contratantes possam pedir tarefas para além do que é estabelecido como função e havendo uma relativização da importância das atividades das diaristas enquanto uma profissional, convertendo as negociações formais em processos informais, gerando, como já descrito, um aumento das atividades a serem realizadas sem um aumento da remuneração por estas. Os casos apresentados das entrevistadas 1 e 3 aportam essa para essa hipótese no campo empírico.

Parte da ambiguidade aparece, também, nas narrativas das entrevistadas ao descrever funções extras realizadas com certa naturalidade por conta das relações afetivas. Ao exemplo os casos das entrevistadas 2 e 7:

Na verdade, eu puxava bem saco deles. Eu protegia eles muito. Tinha dia que eu chegava lá e tinha um monte de tênis para lavar e eles falavam: "O Cleusa, minha mãe mandou eu lavar meus tênis" aí eu falava "fica quietinho no computador que eu vou lavar tudo e depois você fala que você lavou" aí sempre eu protegi a eles tudo. Todos os quatro. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 2, p. 7)

Precisou de mim, ficou doente eu estou indo lá. Uma lâmpada queimou eu estou arrumando alguém para trocar, quebrou um negócio no banheiro eu vou atrás para ajudar, fica meio como se fosse uma família mesmo. Eu falo que eu adotei todo mundo. Sou a mãezinha de todo mundo. E aí a gente vai levando. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 7, p.1)

Outro ponto é que ao despender maior atenção às relações de trabalho e às relações afetivas com os contratantes as profissionais são obrigadas a lidar com uma outra relação, agora vinculada com os seus familiares, que é a dimensão do ciúmes.

Eu só sei que quando os alunos vão embora eu sinto muito sinto muita saudade porque eu pego muita amizade com as pessoas né?! Assim e quando vai embora eu fico triste.

Porque eu pego amor pelas pessoas aí a pessoa fica triste eu fico triste também. Ai é como se fosse meus filhos. Meus filhos mesmo, por exemplo o mais velho ele tem ciúmes, ele fala mas você tá dá mais atenção para o estudante lá. Você dá mais atenção para ele que para mim. (risada) Eu respondo “Não é”. ele tem ciúmes. Tem ciúmes das pessoas que eu trabalho. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 5, p.11)

De tal modo, nota-se que as atividades profissionais das diaristas estão profundamente vinculadas à dimensão afetiva e pessoal. Ademais, parece haver uma certa obrigatoriedade que as relações ocorram desta maneira, sendo que para algumas das mulheres entrevistadas ser uma boa profissional é ter a capacidade de atender as expectativas do outro, para além do sentido profissional e do retorno financeiro. E em um sentido de entrega de corpo e alma, ser diarista é assumir a responsabilidade de cuidar do outro e das suas propriedades de modo pleno.

Os trechos abaixo são resposta à pergunta: “Para você o que é ser uma boa diarista?” que expressam a dimensão profissional por uma busca de excelência, mas também destacam muito forte a perspectiva da afetividade e da entrega à profissão.

(Ser uma boa diarista é) A pessoa saber atender as necessidades da pessoa que está contratando independentemente do valor. [...] Então é fazer aquilo que você foi contratada para fazer de acordo com a necessidade da pessoa com aquilo que ela espera e você faz. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 3, p.6)

(Ser uma boa diarista é) Acho que tem trabalhar com a alma, com coração. Com coração por que a gente não aguenta não, porque é muito pesado. Você tem que gostar do que faz porque você pega uma casa de uma pessoa para limpar e se você não gosta do que você faz você não vai fazer bem feito. (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 2, p. 6)

(Ser uma boa diarista é) “Fazer as coisas com carinho, ter capricho com as coisas, cuidado também para não estragar coisas dos outros. Ter paciência, tudo isso. Ser bem caprichosa e acho que essa é uma boa diarista.” (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 4, p. 7)

(Ser uma boa diarista é) (..) ela tem que amar aquilo que ela faz ela tem que gostar daquilo que ela faz (...) por que uma boa diarista tem que ser uma dona de responsabilidade porque senão eu ver a responsabilidade muito grande para ter se tomar conta de uma casa . (Informação verbal. Trecho retirado da entrevistada 1, p.9-10)

O legado da ideia de cuidado vinculado ao gênero, que foi historicamente designada como de responsabilidade das mulheres, é percebido na narrativa de todas as entrevistadas. Essa vinculação reitera que a lógica da carga afetiva e do cuidado nas relações de trabalho são

reforços às estruturas de gênero socialmente definidas. Porém, nota-se que algumas diaristas tem suas responsabilidades no trabalho ampliadas dentro da informalidade a partir da reprodução da lógica de gênero e reforço à aspectos do cuidado, pois o afeto é uma qualidade associada a ser “boa diarista”.

No que configura a afetividade percebe que entre as entrevistas do grupo 1 os relatos de afetividade são os trabalhos anteriores ao trabalho de empregada doméstica levantando a possibilidade destas terem menos relações afetivas por verem o trabalho de diarista como um complemento a renda principal.

Ademais, identifica-se que as redes de afetividade ampliam a estima de valorização para as diaristas, sendo importante ponderar que esse valor está atribuído a naturalização da relação afetiva no trabalho doméstico, que contribui para a permanência na categoria de trabalhadora, como ilustrado nas palavras da entrevistada 3: “Eu tenho outras opções, eu poderia estar trabalhando com outra coisa e eu não vou porque eu não quero. Eu gosto de trabalhar com minha faxina.” (Informação verbal, p.7). Nesse sentido, as dinâmicas relações cotidianas disfarçam formas de precarização, cabendo mais estudos para saber como as trajetórias particulares ressignificam também o etos do trabalho.

## 5. CONCLUSÕES E APONTAMENTOS

Ao estudar o trabalho doméstico teve-se como ponto de partida a historicidade que o lugar da mulher tem na sociedade e como o trabalho doméstico está intimamente interligado a categoria de gênero. E ao percorrer a trajetória do trabalho, a profissão carrega pontos de vantagens e desvantagens que foram diluídas ao longo do trabalho. Em suma, o trabalho doméstico informal compreende a precarização dos direitos que acarreta na insegurança das diaristas, algumas das quais optam por pagar pessoalmente o INSS como autônomas.

Contudo, a valorização do trabalho não pode ser compreendida apenas da ótica das formalidades como é comum partir das discussões do estudo do trabalho. O trabalho doméstico é carregado de história e de interseccionalidade. As dimensões de gênero, classe e raça estão no dia a dia se sobre cruzando.

Para o grupo de mulheres que tiveram abertura do primeiro emprego a partir do cuidado papel do gênero exerce papel determinante nas relações e sentimento de valorização. E para as mulheres que tiveram a possibilidade de estudar e ir para outras carreiras o gênero aparece principalmente nas relações estabelecidas e nos estigmas sentidos.

A profissão do trabalho doméstico apresenta este paradoxo, ao mesmo tempo é carregada de afeto, utilidade e valor e ao mesmo tempo desvalorizadas socialmente. . Novamente, o sentido do trabalho do cuidado ligado a naturalização da mulher como responsável. A relação afetiva das diaristas que trabalham em repúblicas é ampliada e permitindo vantagens para algumas diaristas em termos de autonomia.

A escolha por ser diaristas, nos casos em que a decisão não foi devido a não ter outras opções de inserção no mercado, é motivada às possibilidades consideradas vantajosas de gestão do tempo e rendimentos nas condições que estão inseridas, no caso deste estudo em uma cidade universitária com alta demanda por diaristas pelos estudantes e profissionais da universidade localizados principalmente no centro da cidade de Viçosa que pela proximidade que possibilidade de intercalar faxinas em um único dia.

Pela observação dos aspectos analisados sobre as entrevistas realizadas e dos estudos anteriores, conclui-se que o trabalho doméstico informal é traçado como estratégia para os perfis de trabalhadoras com mais escolaridade, mas que também compreende um trabalho precarizado para outros perfis de trabalhadoras. Dessa forma sendo necessário mais

compreensão das trajetórias individuais e sentidos do trabalho para pensar em formas de reconhecimento das trabalhadoras domésticas. Pois como visto ao longo do trabalho, a formalização dos direitos não é suficiente para o reconhecimento das trabalhadoras domésticas.

## **BIBLIOGRAFIA**

ARAÚJO, Ângela M. C.; LOMBARDI, Maria Rosa. Trabalho informal, gênero e raça no Brasil do início do século XXI. Cadernos de Pesquisa, v. 43, 2013, p.452-77.

BARDIN, Laurence; RETO, Luís Antero; PINHEIRO, Augusto. Análise de conteúdo. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. 70, 2012. 279 p.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Trabalhadoras Domésticas no Brasil: um movimento de resistência e re-existência. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara. 2007.

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdade: os limites da democracia no Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Emenda Constitucional Nº 72, de 2 De Abril De 2013. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm)>. Acesso em: 15 de Mar. de 2019.

BRASIL. Lei complementar nº 150, de 1º de junho de 2015. Congresso Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LCP/Lcp150.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp150.htm)>. Acesso em: 15 de Mar. de 2019.

BRITES, Jurema Gorski. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 422-451, maio- ago. 2013.

\_\_\_\_\_. Afetos e desigualdades: Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. Cad. Pagu. n.29. 2007:91-109.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 110, p. 67-104, Jul. 2000.

DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Trabalho doméstico remunerado: síntese de resultados apurados em 2017. Abril/2018

DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Trabalho doméstico remunerado: síntese de resultados apurados em 2016. Abril/2017.

DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Trabalho doméstico remunerado: síntese de resultados apurados em 2015. Abril/2016.

DIEESE - DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. Trabalho doméstico remunerado: síntese de resultados apurados em 2014. Abril/2015.

FARIA, Nalu; TEIXEIRA, Marilane Oliveira. Empoderamento econômico das mulheres no Brasil pela valorização do trabalho doméstico e do cuidado. Oxfam Brasil. São Paulo, 2018.

FARIA, Nalu; MORENO, Renata. (ong.) Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres. Cadernos Sempre Viva. São Paulo, 2010.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. Cadernos De Campo (São Paulo 1991), 15(14-15), 231-239. 2006.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George; GUARESCHI, Pedrinho A. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional. Pernambuco, maio./ago. 2005.

GOMES, Fernanda Sucupira. Dupla presença feminina: efeitos da divisão sexual do trabalho sobre o tempo das mulheres urbanas de baixa renda. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. A classe operária tem dois sexos. In: Estudos Feministas. n.1, ano 2, 1994.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo social [online]. 2014, vol.26, n.1, p.61-73

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. Cadernos CRH, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 15-22, 2011.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do trabalho. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 24-41.

HONNETH, Axel. Luta pelo Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais. Sao Paulo: Ed. 34, 2003.

KERGOAT, Daniele. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. Novos Estudos, nº 86 II. Março, 2010. p. 93-103.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Uso do tempo e gênero. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. 268 p.

ITABORAÍ, Nathalie Reis. Trabalho Feminino e mudanças nas famílias no Brasil (1972-2012): Uma perspectiva de classe e gênero. Revista Gênero, Niterói. v.16, n.2, p. 173–199, 1.sem. 2016.

LUNA, Suzy. Antigos Habitus, novos direitos: a persistente desigualdade no trabalho doméstico. In: 42º Encontro da ANPOCS. 2018. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt13-18/11232-antigos-habitus-novos-direitos-a-persistente-desigualdade-no-trabalho-domestico/file>>; Acesso em: 15 jun. 2019.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I: O processo de produção do capital. Volume 1. 30 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PATEMAN, Carole. Críticas feministas a dicotomia público/privado. In. Teoria política feminista: Textos centrais. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. (Org). Boitempo, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade. 3º ed. São Paulo: Expressão Popular. 2013.



SANCHES, Solange. Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(3): 312, setembro-dezembro/2009.

SCHNEIDER, Élen Cristiane. O valor social do trabalho doméstico e a justiça consubstancial. 2016. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, RS.

SILVA, Tatiana da. Economia de gênero e raça: uma análise comparativa do emprego doméstico e seus reflexos devido à introdução da lei nº150/2015 – PEC das domésticas, nas principais regiões metropolitanas brasileiras e no distrito federal. 2018. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de ciências econômicas, Programa de pós-graduação em economia, Porto Alegre, RS.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1 – Roteiro de entrevista**

#### **a) PERFIL /TRAJETÓRIA:**

Perfil: Local de nascimento, idade, (raça), escolaridade, estado civil, no de filhos, quantidade de pessoas que vivem no mesmo domicílio.

Trajetória familiar:

Qual a escolaridade dos seus pais?

Em que trabalhavam?

Eles nasceram e foram criados na zona rural ou na zona urbana?

#### **b) EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS:**

Qual foi o seu primeiro emprego?

Com quantos anos começou a trabalhar?

Como começou a trabalhar como diarista?

Há quanto tempo trabalha como diarista?

Além de diarista você trabalha em mais algo?

##### **Emprego atual:**

Hoje em dia como você organiza seus trabalhos ao longo da semana?

Como você avalia a relação com os residentes das casas em que trabalha?

Do que você gosta e do que não gosta na relação com eles?

O que acha da remuneração da sua profissão?

Como você organiza a rotina doméstica do seu domicílio?

#### **c) APROFUNDAMENTO DA PERCEPÇÃO DE RECONHECIMENTO**

Como você se vê profissionalmente?

O que gosta que reconheçam no seu trabalho?

Quais os pontos positivos em ser diarista?

E quais os pontos negativos?

Já foi empregada doméstica? Se sim, qual a diferença entre ser empregada doméstica e diarista?

Quais as vantagens e desvantagens sobre trabalhar sem carteira assinada?

##### **Reconhecimento familiar e sociabilidade:**

Como acha que a comunidade, família, amigos veem sua profissão e seu trabalho?

Você tem contato com outras diaristas? De que forma? Como é a relação com elas?

Projeção de futuro:

Quais os seus sonhos? Como se vê no futuro?

#### **d) FINALIZAÇÃO**

Há algo que não comentamos que gostaria de falar sobre ser diarista em viçosa?